

Entidades ambientalistas no ES estão esvaziadas

Nilo De Mingo

As organizações não-governamentais (Ongs) ligadas à questão ambientalista no Espírito Santo, estão completamente esvaziadas e perderam a força que tinham na década de 80. A avaliação foi feita por ambientalistas, que desde o início da década passada destacaram-se na luta pela defesa do meio ambiente. Segundo eles, a título de exemplo, um incêndio como o ocorrido no Parque Nacional do Caparaó, se tivesse acontecido há dez anos, teria imediatamente os protestos das entidades, e desta vez o que se viu foi um completo silêncio.

Esses ambientalistas, contudo, alertam que as entidades deixaram de lado as denúncias e passaram a desenvolver projetos ligados ao meio ambiente e à sua preservação. As entidades também não tiveram renovação em seus quadros e a morte do biólogo Paulo Vinha representou um duro golpe no movimento ambientalista no Espírito Santo. Alguns culpam o Governo do Estado, alegando que de nada adianta fazer denúncias, pois o Governo as ignora solenemente. Mas, no concreto, os ambientalistas admitem que as Ong's fracassaram, estão esvaziadas e têm suas ações muito limitadas.

Denúncias

Para o diretor da Associação Vilavelhense de Defesa do Patrimônio Ambiental (Avidepa), César Musso, o movimento ambientalista participativo, com militantes, como ocorria na década passada, não existe atualmente. Para ele, isto decorre do fato dos movimentos não terem se estruturado e da falta de gente que mantivesse as propostas. "As entidades passaram da fase de apenas fazer denúncias e passaram a desenvolver

propostas. As denúncias são importantes, mas era preciso partir para as ações e foi o que fizemos. A Avidepa, hoje, desenvolve vários projetos, como o das andorinhas do mar. Ocorre que hoje existe um grande descrédito dos órgãos públicos, e você denuncia, denuncia e nada acontece, acaba levando ao desestímulo e as pessoas preferem, então, desenvolver os projetos, pois os resultados aparecem", lembrou Musso.

Ele não concorda que o fato de muitas pessoas que militavam nos movimentos ambientalistas e passaram a atuar em órgão públicos seja fator preponderante para o esvaziamento dessas entidades. "Não acredito que seja cooptação, mas por estarem dentro da estrutura, existe mais dificuldade para a militância. No meu caso, eu não me desliguei do movimento, apenas deixei de ser o que ficava denunciando as agressões ao meio ambiente e passei a desenvolver projetos. Outras pessoas também fizeram o mesmo", disse o dirigente da Avidepa.

Atuação

César Musso diz que hoje, citando duas Ong's, elas praticamente não têm atuação. "A Avidepa está absorvida em desenvolver projetos ambientalistas e a Aca-pema, a primeira entidade organizada do Espírito Santo, praticamente não existe, só para citar duas delas. Claro que existem muitas outras, mas que estão surgindo agora e que se tivessem surgido a mais tempo poderiam estar realizando um bom trabalho. Mas elas preci-

sam de mais tempo, de experiência. Precisa, também, aparecer uma nova liderança que dê um impulso ao movimento. Não po-

dem ser sempre as mesmas pessoas". Por fim, ele acredita que se o incêndio no Parque Nacional do Caparaó ocorresse no início da

década de 80, não se verificaria a omissão das entidades ambientalistas, como se verificou agora.

Na avaliação da ambientalista Heloísa Dias, as Ongs ligadas ao meio ambiente estão desmobilizadas e necessitando de uma reestruturação urgente. Para ela, a morte do biólogo Paulo Vinha foi um golpe muito duro nos movimentos. "Ele mantinha a chama acesa e com sua morte ficou esse vazio todo, essa total desmobilização", afirmou Dias. Ela aponta, ainda, o fato das entidades passarem das denúncias para a atuação concreta, quando o Governo abriu espaços para que elas pudessem participar.

"Foi uma falsa democracia, pois quando elas perceberam que as propostas e os projetos não eram encaminhados, já estavam esvaziadas. Hoje, elas precisam se reestruturar e não basta apenas que denunciem os problemas ambientais, pois não terão crédito junto à sociedade civil, pois ela não acredita no atual Governo do Estado", afirmou a ambientalista. A exemplo de César Musso, Heloísa Dias não acredita que o episódio do Caparaó passasse sem os protestos dos ambientalistas e das entidades, caso tivesse ocorrido na década de 80.

"Certamente não haveria esse silêncio todo. Mas esse silêncio existe porque ninguém acredita que o Governo vá fazer alguma

coisa. Então, para que gritar, ou denunciar?"

Ressurgir

Ela, no entanto, acredita que as Ong's ambientalistas possam ressurgir, mas não apenas fazendo denúncias. Para Dias, é preciso que elas ressurgam denunciando, mas também com ações concretas. Na avaliação da ambientalista, é preciso buscar novos parceiros e espaços para atuar. "Existem os sindicatos, organizações populares e outros segmentos organizados, nos quais o movimento ambientalista pode e deve atuar, levando propostas de ações concretas. É preciso, ainda, que surjam novas pessoas no movimento", concluiu Heloísa Dias.

A bióloga Glória Abaurre, que participou ativamente dos movimentos ambientalistas na década de 80, avalia que as entidades ligadas ao meio ambiente estão regredindo. "Não se vê mais as entidades, falando, atuando, se manifestando. O mesmo se dá em nível de órgãos públicos ligados à questão ambiental. Houve uma regressão geral. Não se pode ficar apenas no denunciar. É necessário partir para ações".

Ela também credita o esvaziamento, entre outros fatos, à morte de Paulo Vinha, mas diz que é preciso que surjam pessoas novas nos movimentos e nas entidades organizadas. "Claro que a perda do Paulo Vinha influiu, mas não foi só isso. É necessário que os movimentos voltem a ter credibilidade. Não basta apenas ficar denunciando. Denúncia é importante, mas elaborar e desenvolver projetos também", lembrou a bióloga.

Na avaliação da Glória Abaurre, o incêndio no Caparaó é apenas um exemplo da desmobilização das entidades ligadas ao meio ambiente. "Muitas outras coisas têm ocorrido e o silêncio é total. O abandono do Parque da Mantiqueira, recentemente denunciado pela imprensa, é outro exemplo. Foi denunciado e mostrado e nada aconteceu. Em outras épocas, certamente, a Mantiqueira e o Caparaó teriam o imediato protesto das entidades. Os movimentos regrediram", afirmou Gl

